

# A Ação do Espírito Santo na Assembleia litúrgica

## *The Action of the Holy Spirit in the Liturgical Assembly*

*Josefa Alves dos Santos*

### Resumo

Através da *actuosa participatio*, e em virtude da ação do Espírito Santo, toda assembleia litúrgica deve tornar-se uma verdadeira epifania da comunhão trinitária na Igreja, para ser expressão da bondade e da misericórdia divina no mundo. Isso torna-se possível quando o povo de Deus é formado na unidade, e quando se torna consciente da sua missão qual membro do Corpo de Cristo. Para analisar a razão de ser da assembleia litúrgica o nosso olhar se voltará para o seu fundamento, de onde brota a vida litúrgica e o impulso para a missão. O artigo segue o modelo de revisão bibliográfica, utilizando autores que aprofundam o tema da beleza da assembleia litúrgica e desta como sinal de unidade na Igreja. Assim, o presente artigo objetiva refletir sobre a natureza e o sentido da assembleia litúrgica, e sobre a ação do Espírito Santo que, como iconógrafo divino, escreve, plasma e vivifica a assembleia para que se realize nela o mistério celebrado.

**Palavras-chave:** Actuosa participatio. Beleza. Liturgia.

### Abstract

Through *actuosa participatio* and in virtue of the action of the Holy Spirit, all the liturgical assembly must become a real epiphany of the communion of the Trinity in the church, in order to be an expression of the divine goodness and mercy in the world. This becomes possible when the people of God is formed in unity and when they become aware of their mission as a member of Christ's Body. In order to analyze the nature and meaning of the liturgical assembly, our gaze will turn to its foundation, from which the liturgical life and the impulse for mission spring. The article follows the bibliographic review model, using authors who deepen the theme of the beauty of the liturgical assembly and this as a sign of Unity in the Church. This present article is a reflection about the Nature and the sense of the liturgical assembly and the action of the Holy Spirit that, like a divine iconographer, molds, and enlivens the church so that the mystery that is celebrated becomes a reality.

**Keywords:** Actuosa participatio. Beauty. Liturgy.

## Introdução

A razão de ser, ou seja, a essência da assembleia litúrgica é o chamado divino, a convocação realizada pelo próprio Deus. Por sua vez, a Sagrada Escritura testemunha que a experiência da assembleia do Sinai é a marca “genética primordial e paradigmática”<sup>1</sup> de toda assembleia litúrgica. Mais ainda, o Antigo Testamento revela que “necessariamente, a palavra de Deus torna-se o centro propulsor da reunião assembleal, narrando os feitos redentores, construindo uma memória de fé e ensejando a resposta atual do povo fiel”.<sup>2</sup>

Com a nova aliança realizada em Cristo, passa a ser revelado o caráter definitivo da assembleia do povo de Deus, pois embora a nova aliança conserve os elementos da antiga aliança - as noções de eleição, convocação, lei, sacerdócio e sacrifício -, o seu alcance é muito mais amplo, porque está “radicado na identificação pessoal e comunitária com Cristo, que encarna de modo íntegro e integral todos esses elementos”.<sup>3</sup> Assim, compreendemos que é o Senhor aquele que age na assembleia, de forma que esta passa a ser compreendida a partir do próprio mistério celebrado.

Resgatar a centralidade da vida litúrgica na comunidade cristã é uma das tarefas mais urgentes da Igreja hoje, porque é a partir do encontro verdadeiro com Cristo que deriva a missão. O Documento de Aparecida explicita que o modo como a assembleia litúrgica celebra os mistérios da fé determina a vida de cada comunidade, porque a Eucaristia é “fonte inesgotável da vocação cristã é, ao mesmo tempo, fonte inextinguível do impulso missionário”,<sup>4</sup> pois “o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a decidida vontade de anunciar com audácia aos demais o que tem escutado e vivido”.<sup>5</sup>

Após refletir sobre o sentido da assembleia litúrgica e o verdadeiro sentido da participação ativa dos fiéis, o presente artigo considera que o processo formativo do povo de Deus será determinante para que a assembleia litúrgica manifeste a beleza dos mistérios celebrados através conversão pessoal e pastoral; processo formativo que passa pela catequese mistagógica que desvela a beleza do mistério celebrado e aponta para a missão.

### 1. Assembleia litúrgica como sinal e instrumento de comunhão e unidade

Conforme ensina a *Sacrosanctum Concilium*, em todas as ações litúrgicas da Igreja, Cristo está presente, seja na Missa, nos Sacramentos, nos ministros, mas também “quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: ‘Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles’ (Mt 18,20)”.<sup>6</sup> Este é o motivo pelo qual a assembleia litúrgica diferente de qualquer outro agrupamento humano, e tem uma característica

---

<sup>1</sup> COLA, G. C., O Sacramento-Assembleia, p. 23.

<sup>2</sup> COLA, G. C., O Sacramento-Assembleia, p. 30.

<sup>3</sup> COLA, G. C., O Sacramento-Assembleia, p. 36.

<sup>4</sup> DAp 251.

<sup>5</sup> DAp 251.

<sup>6</sup> SC 7.

peculiar por ser uma “comunidade de fiéis, hierarquicamente constituída, legitimamente reunida em certo lugar para uma ação litúrgica”.<sup>7</sup> Realizando um estudo aprofundado sobre a assembleia litúrgica, os seus elementos constitutivos, as suas características, as suas leis e as tarefas nela desempenhadas, Triacca conclui que trata-se de um “autêntico sacramento de salvação em relação estreita com a própria liturgia, com a Igreja, com Cristo”.<sup>8</sup> Ou seja, a assembleia litúrgica, povo reunido, Corpo de Cristo, é também Cristo presente na sua Igreja e no mundo. Sendo presença de Cristo, ela torna-se um sinal salvífico e revela em si a beleza celeste.

Toda assembleia cristã como tal, (...) possui valor de sinal na liturgia quando é convocação de Deus em Cristo Jesus, a reunião ‘no nome’ de Cristo, congregação do *populus Dei* e, como tal, realiza em si a *ekklesia* de Deus (*qahal Iahweh*) do Antigo Testamento. É a expressão máxima da comunidade local e da Igreja universal e já é um primeiro esboço da sombra anunciadora da liturgia cósmica e perfeita da Jerusalém celeste de que fala o Apocalipse.<sup>9</sup>

Mas para compreender o modo de presença de Cristo na assembleia litúrgica, faz-se necessário recorrer às palavras de Jesus no seu discurso de adeus, quando declara que a sua partida será, ao mesmo tempo, um retorno: “Não vos deixareis órfãos. Eu virei a vós. Ainda um pouco e o mundo não mais me verá, mas vós me vereis porque eu vivo e vós vivereis. Nesse dia compreenderéis que estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós” (Jo 14,18-20). Assim, com a ressurreição Ele revela que está presente para além do tempo e do espaço, inaugurando um novo modo de presença: em Pentecostes efunde o seu Espírito sobre a Igreja e a preenche com a sua essência mais íntima.

Nos discursos de adeus ressoa incessantemente a preposição “em” (gr. *en*): “Nesse dia compreenderéis que estou *em* meu Pai e vós *em* mim e eu *em* vós” (Jo 14,20); “Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece *em* mim e eu nele produz muito fruto” (Jo 15,5); “Se permanecerdes *em* mim e minhas palavras permanecerem *em* vós, pedi o que quiserdes e vós o tereis” (Jo 15,7); “Permanecei *em* meu amor” (Jo 15,9); “Como tu, Pai, estás *em* mim e eu *em* ti, que eles estejam *em* nós, para que o mundo creia que te me enviaste (...). Eu neles e tu *em* mim, para que sejam perfeitos na unidade (Jo 17,21-23). A preposição “*en*” indica a interioridade da inabitação de Deus na sua criatura, e este não é simplesmente um estar “entre”, mas um estar “dentro”, penetrando objetivamente a alma e o corpo, de modo que alcança também a consciência, o pensamento, a fé e a vontade, chegando quase à eliminação da distância, do ser um diante do outro.

Existem muitos modos de presença, e a esse respeito Von Balthasar explica que se duas pedras permanecem uma ao lado da outra, ou se duas árvores estão lado a lado, estarão presentes uma à outra somente em sentido exterior e imperfeito, porque não sabem uma da outra, uma não cuida da outra e, apesar da proximidade, permanecem estranhas uma à outra. Para falar de presença no seu sentido mais autêntico, é necessário que os dois seres que se conhecem espiritualmente estejam diante do outro como seres conscientes.

<sup>7</sup> CUA, A., Assembleia, p. 95.

<sup>8</sup> CUA, A., Assembleia, p. 95.

<sup>9</sup> VAGAGGINI, C., O sentido teológico da liturgia, p. 73.

“Neste caso eles estão habilitados a carregar reciprocamente na alma uma espécie de imagem do outro”,<sup>10</sup> dessa forma o outro ser adquire uma segunda existência. Portanto, sendo Cristo presente no meio do seu povo, é em força da sua presença que a assembleia reunida por Ele e Nele adquire nova identidade.

O modo como a assembleia litúrgica torna-se instrumento de comunhão e de unidade depende, determinantemente, da sua capacidade de viver a partir do seu centro, permitindo que o Espírito de Cristo, alma da Igreja, conduza as suas ações para além das celebrações litúrgicas, como discípulos missionários.

### 1.1. *Actuosa participatio*: entre o ser e o fazer

Há quase sessenta anos do Concílio Vaticano II e o tema da *actuosa participatio* ainda sofre de interpretações ambíguas, na sua maioria voltada para a dimensão externa, na busca do “protagonismo” dos fiéis na liturgia. Mas seria esse o seu real sentido? Anteriormente ao Concílio já encontramos acenos à *actuosa participatio* em documentos magisteriais: na Bula *Divinis cultus*, de Pio XI, já havia a preocupação de que “os fiéis não assistam às funções sacras como estranhos ou mudos espectadores, mas verdadeiramente compreendam a beleza da liturgia”;<sup>11</sup> na Encíclica *Mediator Dei*, Pio XII também auspica que haja unidade de mente e de alma entre o clero e o povo, “assim o povo cristão participe ativamente da liturgia que se tornará em verdade a ação sagrada, pela qual o sacerdote que atende ao cuidado das almas em sua paróquia, unido com a assembleia do povo, renda ao Senhor o culto devido”;<sup>12</sup> mas foi o antecessor de ambos, Pio X, quem usou o termo *actuosa participatio* de forma oficial na introdução da Bula *Tra le sollicitude*, na qual expressa o seu desejo de que o espírito cristão reflorêsca entre todos os fiéis, por isso ensina o sentido e a importância de zelar “antes de mais nada à santidade e dignidade do templo, onde os fiéis se reúnem precisamente para haurirem esse espírito da sua primária e indispensável fonte: a participação ativa nos sacrossantos mistérios e na oração pública e solene da Igreja”.<sup>13</sup>

Participação ativa na ação litúrgica torna-se, assim, sinônimo de unidade, “um só coração e uma só alma” (At 4,32), conforme o testemunho dos Atos Apóstolos ao apresentar a comunidade cristã primitiva. São Justino, ao descrever a liturgia dominical dos cristãos também revela que era vivida com participação ativa, ou seja, a unidade de corpo e alma daqueles que celebravam a Eucaristia.<sup>14</sup> Tudo isso conduz à compreensão de que o Concílio não está incentivando uma missa “mais participada” no sentido de fazer tantas coisas, mas expressando a necessidade da vivência e envolvimento integral de todos os fiéis. A cada vez que *actuosa participatio* é interpretada de forma unívoca e exteriormente, trascura-se uma dimensão antropológica fundamental, a uni-totalidade da pessoa humana que se realiza à proporção em que vive na harmonia do seu ser inteiro, à proporção em que não age com dicotomias e dualismos, mas na unidade do seu ser bio-

<sup>10</sup> VON BALTHASAR, H. U., Tu coroni l’anno con la tua gloria, p. 97-98.

<sup>11</sup> Div. Cult. 9.

<sup>12</sup> MDei 184.

<sup>13</sup> PIO X, PP., Motu próprio Tra le Sollicitude. Acta Sanctae Sedis, 36 (1903-4), p.531.

<sup>14</sup> JUSTINO DE ROMA, Diál. 67,3-7.

psíquico-espiritual; somente assim viverá plenamente a *lex orandi lex credendi*, que transbordará na *lex vivendi*.

O modo adequado, portanto, de participar dos atos sagrados é “com todo o coração, com toda a alma, com toda a força e com todo o entendimento” (Lc 10,26), não apenas gestos e palavras, mas o ser inteiro, iluminado e conduzido pelo Espírito daquele que é o protagonista de toda ação litúrgica. De fato, devemos perguntar:

Em que consiste, porém, esta participação ativa? O que é preciso fazer? Infelizmente esta expressão foi mal entendida e reduzida ao seu significado exterior, aquele da necessidade de um agir comum, quase se tratasse de fazer entrar concretamente em ação o maior número possível de pessoas, o mais rápido possível. A palavra “participação” remete, porém, a uma ação principal, a qual todos devem tomar parte.<sup>15</sup>

Impõe-se, portanto, a necessidade de uma autêntica educação litúrgica, não somente de conteúdo, pois “não pode consistir na aprendizagem e no exercício de atividades exteriores, mas na introdução daquela *actio* essencial que constitui a liturgia, na potência transformadora de Deus que, através do evento litúrgico, quer transformar nós mesmo e o mundo”.<sup>16</sup> Toda a liturgia da Igreja é estruturada de forma didática, para favorecer a participação ativa dos fiéis convidando-os a mergulhar no mistério celebrado. Guardini prefere chamar este processo de “orientação, ou, pelo menos, de um estímulo a contemplar e a realizar ao vivo os ‘sinais sagrados’”,<sup>17</sup> porque, segundo ele, trata-se principalmente de realidade, muito mais do que de conceitos. Assim, compreendemos que a comunhão e a unidade na assembleia litúrgica são metas que dependem, também, do processo formativo do povo de Deus.

## 2. A ação do Espírito Santo enquanto iconógrafo da assembleia litúrgica

A celebração litúrgica, segundo Triacca, deve ser sinal do Espírito, caso contrário não há razão de ser, pois a sua essência é ser epifania do Espírito.<sup>18</sup> Isto é igualmente válido para a assembleia que celebra a liturgia, pois, conforme ensina o Catecismo, o Espírito age na Igreja e na liturgia qual pedagogo e artífice, tornando presente e atualizando o mistério de Cristo,<sup>19</sup> esta ação, portanto, é performativa na vida do povo, pois,

Na plenitude da História da Salvação, o acontecimento assembleal deixa de ser memento exterior, demonstrativo ou representativo; virá investido de uma potência transformadora, que passa a vincular os indivíduos desde dentro, moldá-los segundo suas prerrogativas salvíficas e efetivar uma comunhão integral, universal e duradoura.<sup>20</sup>

<sup>15</sup> RATZINGER, J., O Espírito da Liturgia, p. 148.

<sup>16</sup> RATZINGER, J., O Espírito da Liturgia, p. 149.

<sup>17</sup> GUARDINI, R., Sinais Sagrados, p. 9.

<sup>18</sup> TRIACCA, A. M., Espírito Santo, p. 361.

<sup>19</sup> CEC 1091-1092.

<sup>20</sup> COLA, G. C., O Sacramento-Assembleia, p. 131.

Assim sendo, devemos considerar que a assembleia litúrgica é verdadeiramente tal quando reflete a luz celeste e que, embora viva na tensão entre semelhança e dessemelhança entre tempo e espaço, entre o já (da realidade salvífica e sacramental realizada em Cristo e por Cristo) e o ainda não (da imperfeição humana a caminho), o Espírito Santo não cessa de plasmar no corpo assembleal a imagem perfeita do Filho, superando as divisões e fazendo emergir a bondade, a beleza e a verdade da Igreja Corpo de Cristo.

Na celebração litúrgica, conforme ensina A. Triacca, todo fiel que dela participa se torna o que recebe, ou seja, o que é anunciado e celebrado,<sup>21</sup> Da mesma forma que um ícone “encerra em si o mistério da presença do divino e abre espaço para a teofania”,<sup>22</sup> porque ele é, sobretudo, um instrumento de comunhão,<sup>23</sup> analogamente a ação do Espírito Santo na assembleia litúrgica faz emergir nela a beleza original, deixando transparecer o sentido do seu existir, ou seja, o Espírito Santo age na assembleia como artista divino, mais especificamente, segundo Triacca, como *iconógrafo*, *iconoplasta* e *iconóforo*:

Ora, o Espírito, por meio da Escritura, foi iconógrafo, isto é, operou no hagiógrafo a revelação do ícone do Pai, que é Jesus Cristo (cf. 2Cor 4,4; Cl 1,15). Em Maria, ele foi iconoplasta, ou seja, plasmador do próprio ícone. Na ação litúrgica, ele é simultaneamente iconógrafo, iconoplasta e iconóforo, isto é, portador do ícone do Pai presencializado e vivificado.<sup>24</sup>

Recorrendo à iconografia compreendemos que o iconógrafo é aquele que escreve o ícone e que, portanto, revela a sua identidade; por sua vez, o *iconoplasta* é o artesão, que modela e plasma a matéria, dando-lhe a forma perfeita que, no caso da assembleia litúrgica é a forma de Cristo; como *iconóforo*, o Espírito, que já é presente no íntimo dos fiéis, Ele que é a alma da liturgia, ainda deposita no íntimo da assembleia a sua graça, qual “tesouro em vasos de argila” (2Cor 4,7), e a capacita a viver e ser *communio*.

Semelhante a um ícone que precisa passar pelo processo de “clarificação progressiva”<sup>25</sup> para tornar-se mediador da relação e da comunhão entre o mistério nele escrito e o fiel, a assembleia litúrgica deve ser introduzida neste processo de “clarificação” através da *actuosa participatio*, que é

<sup>21</sup> TRIACCA, A. M., Espírito Santo, p. 361.

<sup>22</sup> EVDOKÌMOV, P. N., Teologia da beleza, p. 183.

<sup>23</sup> FIRENZE, M. R., L'icona, p. 21.

<sup>24</sup> TRIACCA, A. M., Espírito Santo, p. 361.

<sup>25</sup> A tradição bizantina ensina que o iconógrafo, a partir da contemplação da Transfiguração, deve pintar mais com a luz do que com as cores. Mesmo em termos técnicos, o fundo de ouro do ícone se chama “luz”, e o método pictórico se chama “clarificação progressiva”; este é o motivo pelo qual o iconógrafo, ao escrever um rosto, deve primeiro recobri-lo com um tom escuro, depois acrescenta nesta tinta o tom amarelo ocre, como a luz, e repetirá a sobreposição sempre em tons mais iluminados. Assim, a aparição de uma figura segue uma progressão que reproduz o crescimento da luz no homem. Para aprofundar o tema, ver: EVDOKÌMOV, P. N., Teologia della Bellezza, p. 185-190.

A condição estabelecida pela própria natureza da liturgia, como exercício do sacerdócio de Cristo. Participar é o único modo de realmente ser assembleia, (...). Participar, destarte, é assumir a condição redimida, “divinizada”, dado que a oferta de Cristo é finalizada ao restabelecimento da comunhão divina. Esta, por sua vez, torna-se acessível na fé pela sagrada liturgia. Construir a assembleia que assedia, realiza e acolhe a ação salvífica divina celebrada na liturgia é, sinteticamente, o “código genético” de todo o discurso acerca da participação litúrgica.<sup>26</sup>

A *Actuosa participatio*, portanto, não é comportamento, mas relação e comunhão de cada membro do Corpo de Cristo com Cristo cabeça, e com os outros membros do corpo; ou seja, é um aspecto da comunhão do mistério celebrado, pois o Espírito, conforme ensina Santana, torna presente na assembleia litúrgica aquilo que se celebra, a saber, a obra de redenção realizada por Cristo.<sup>27</sup>

Faz-se necessário educar cada fiel, “no sentido de levá-lo a compreender que na liturgia cada gesto é uma proclamação, cada palavra é um anúncio, cada celebração é um evento salvífico, cada pessoa é um ostensório visível da presença e da ação invisíveis do Espírito Santo”.<sup>28</sup> Assim, a consciência da assembleia do mistério e da graça que lhe envolve faz com que esta ultrapasse os muros do templo e se transforme em missão; é esta comunhão que realiza a missão da Igreja “em saída”.

## 2.1. A beleza como sinal

Ao refletir sobre a beleza na liturgia, o cardeal Agnello enfatiza a necessidade de uma educação à beleza porque, embora essa tenha o poder de atrair para o Mistério que nos comove com a sua presença, ainda assim, faz-se necessária a disposição pessoal, a abertura da mente e do coração para não permanecermos nos aspectos exteriores:

Por isso, é necessária uma educação à beleza. Olhar para o espetáculo não seria racional e humano se não percebendo que nela está implicada a referência a Outro. Quanto mais algo é belo, mais tem o poder de remeter a Outro. Mas, no caso em que falte o trabalho da inteligência, que sempre busca razões, fundamentos, virá a faltar a compreensão do nexos que liga aquela beleza observada à sua origem, o nexos que a liga ao Todo, nexos que é plenamente razoável reconhecer.<sup>29</sup>

Toda ação litúrgica é feita de forma e matéria, de sinais que remetem à realidade mais profunda. Por isso Agnello considera que pertence à Igreja a função educativa para a beleza, porque trata-se de “um caminho propedêutico para compreender a beleza da Eucaristia, do dom que Jesus Cristo Filho de Deus encarnado faz de si mesmo a nós, comovido diante de nossa inconsistência e fragilidade”.<sup>30</sup> A própria beleza visível é um sinal que pode despertar a alma humana e revelar a sua sede, mas somente a presença e

<sup>26</sup> COLA, G. C., O Sacramento-Assembleia, p. 92.

<sup>27</sup> SANTANA, L. F. R., Liturgia no Espírito, p.164.

<sup>28</sup> TRIACCA, A. M., Espírito Santo, p. 369.

<sup>29</sup> AGNELO, G. M., A Beleza na liturgia, p. 946.

<sup>30</sup> AGNELO, G. M., A Beleza na liturgia, p. 946.

não o sinal pode saciá-la. Por isso, no seu diálogo com a mulher samaritana, Jesus oferece-lhe a água viva que jorra para a vida eterna (Jo 4,14); da mesma forma no discurso com os israelitas, após o milagre do pão, os convida a ultrapassar o aspecto meramente material do milagre e adentrar na realidade que está para além do sinal (Jo 6,26-27).

Na Carta Apostólica *Desiderio desideravi*, Francisco constata o desafio atual do analfabetismo simbólico, por isso expressa o desejo de uma renovada educação litúrgica que ajude a reaprender a postura interior adequada que abre à sua compreensão e vivência.

Um modo de preservar e crescer na compreensão vital dos símbolos da liturgia é certamente aquele de cuidar da arte do celebrar. (...). A *ars celebrandi* não pode ser reduzida somente à observação de um aparato de rubricas, e não pode ser pensada como uma fantasiosa – às vezes selvagem – criatividade sem regras. O rito é, por si mesmo norma, e a norma nunca é fim em si mesma, mas sempre a serviço da realidade mais alta que deseja preservar.<sup>31</sup>

Por este motivo “cada detalhe da ação litúrgica deve ser orientado para alertar a respeito dessa beleza, para ajudar a reconhecer o sublime sacramento e a realidade que contém escondida sob véus”,<sup>32</sup> e disso depende a maturidade espiritual e apostólica da assembleia, que dará frutos copiosos de comunhão e de missão. Isso é possível porque a ação litúrgica com a qual celebramos a Eucaristia contém em si toda a beleza capaz de atrair os convidados a participar das núpcias do Cordeiro. Agnelo ensina que “cada detalhe da ação litúrgica deve ser orientado para alertar a respeito dessa beleza, para ajudar a reconhecer o sublime sacramento e a realidade que contém escondida sob os véus”.<sup>33</sup> Para que isto aconteça é importante zelar para que não se introduzam elementos excessivos ou estranhos ao mistério celebrado, para que não haja barreiras entre o fiel e a graça de Deus que se dá através da própria liturgia.

A beleza se manifesta na estética litúrgica, nos cantos, nos gestos pessoais e comunitários que expressam a unidade do Corpo e o sentido do que se celebra, mas também se manifesta no silêncio, e este é um ponto importante a ser ensinado e observado, pois a experiência de Deus é feita de palavra e silêncio. O próprio Jesus ensina aos seus discípulos que o silêncio é condição para a oração: “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechando tua porta, ora a teu Pai que está lá, no segredo; e teu Pai, que vê no segredo, te recompensará” (Mt 6,6). Assim, o duplo movimento de palavra e silêncio é como a sístole e a diástole que permitem a harmonia na comunicação, pois, conforme escreveu Guardini, é da essência de toda forma de linguagem ser conduzida ao silêncio, pois privada da relação com o silêncio a palavra se torna vanilóquio e, sem esta relação com a palavra, o silêncio se torna mutismo.<sup>34</sup> Compreendemos, portanto, que o silêncio é condição *sine qua non* para entrar em relação com Deus e, de consequência, consigo e com o mundo, para além da superficialidade.

Somente o contato com a beleza autêntica pode revelar a indomável saudade que o ser humano experimenta dentro de si, uma espécie de vazio pelo desejo de verdade, de

<sup>31</sup> FRANCISCO, PP., Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*. n. 48.

<sup>32</sup> AGNELO, G. M., *A Beleza na liturgia*, p. 951

<sup>33</sup> AGNELO, G. M., *A Beleza na liturgia*, p. 951.

<sup>34</sup> GUARDINI, R., *Linguaggio, Poesia, Interpretazione*, p. 15.

justiça e de bem; em outras palavras, a saudade de Deus.

## Conclusão

Tal qual a Igreja, a assembleia litúrgica existe por obra do Pai, na oferta do Filho, pelo Espírito Santo; por isso também é chamada a ser sinal de unidade na caridade, não somente nos atos litúrgicos, mas como Igreja em saída, como testemunha da misericórdia de Deus. Diante da descoberta da ação divina na assembleia litúrgica e do seu chamado a ser epifania do Espírito Santo no mundo, consideramos como ponto central para a renovação pastoral, a formação do povo de Deus; uma formação mistagógica, que introduza cada fiel no mistério celebrado e na consciência clara e profunda da sua missão como Corpo de Cristo. Este é o modo para que a participação ativa dos fiéis seja, de fato, integral, evitando ações esquizofrênicas e anacrônicas que desvirtuam o sentido de ser Igreja.

Cada comunidade cristã deve criar condições para a relação de cada um com o Senhor, para isso a primeira preocupação missionária é *ad intra*, na qualidade do conteúdo oferecido ao povo que deve despertar o desejo de Deus, e no ambiente físico e estético que deve estar a serviço da qualidade das celebrações. Este é um caminho de convergência eucarística, porque a compreensão do mistério celebrado fortalece tanto a participação, quanto a resposta missionária. Assim, a ação do Espírito Santo que se estende para todo o corpo assembleal e plasma tanto o homem interior quanto a sua conduta no mundo, renovará também a vida eclesial.

## Referências bibliográficas

- AGNELO, G. M. A Beleza na liturgia: Discreto e humilde reflexo da Beleza de Deus. **Communio**, v. XXVII, n.4, p.945-952, out./dez. 2008.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas/Loyola, 1993.
- CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Brasília: CNBB, 2007.
- COLA, G. C., **O sacramento-assembleia**: teologia mistagógica da comunidade celebrante. Petrópolis: Editora Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.
- CUVA, A. Assembleia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p.94-104.
- EVDOKÌMOV, P. N. **Teologia della Bellezza**. L'arte dell'icona. Milano: San Paolo 1990.
- FIRENZE, M. R. **L'icona**. Manuale di iconografia bizantina. Siracusa: Stina Siracusa 2005.
- FRANCISCO, PP. **Lettera Apostolica Desiderio desideravi. Sulla formazione liturgica del popolo di Dio**. São Paulo: Paulinas, 2022.
- GUARDINI, R. Linguaggio, Poesia, Interpretazione. Brescia: Morcelliana, 2020.
- GUARDINI, R. **Sinais Sagrados**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias**. Diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995.  
PAULO VI, PP. **Constituição Sacrosanctum Consilium sobre a Sagrada Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1997.

PIO X, PP. **Motu próprio Tra le Sollicitude**. Disponível em: ASS, 36 (1903-4), 531.  
PIO XI, PP. **Bolla Divinis Cultus**. Disponível em: AAS 21 (1929), 33-41.

PIO XII, PP. **Carta Encíclica Mediator Dei**. Disponível em: AAS 39, (1947), 521-595.

RATZINGER, J. O Espírito da Liturgia. Uma introdução. In: RATZINGER, J. **Opera omnia**. Brasília: Edições CNBB, 2019. p. 27-194.

SANTANA, L. F. R. **Liturgia no Espírito**: o culto cristão como experiência do Espírito santo na fé e na vida. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Editora Reflexão, 2005.

TRIACA, A. M. Espírito Santo. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 359-370.

VAGAGGINI, C. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009.

VON BALTHASAR, H. U. **Tu coronati l'anno con la tua gloria**. Milano: Jaca Book, 1990.

**Josefa Alves dos Santos**

Doutoranda Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

Email: shjosefa@gmail.com.

Recebido em: 22/09/2022

Aprovado em 26/01/2023